

Médico preso por matar cão a tiros confessa mais mortes

Ele admitiu que sacrificou outros cães para evitar o sofrimento deles

Por Raquel Valli

O médico Artur Udelsmann, de 76 anos, que foi preso em flagrante na quinta-feira (30) em Campinas (SP), após matar o cachorro dele, da raça rottweiler, com dois tiros na nuca do animal, confessou aos policiais militares que o prenderam que já sacrificou outros cachorros próprios, em ocasiões anteriores, com a finalidade de encerrar o sofrimento dos animais. Além de seringas, os PMs ainda encontraram, em posse do médico, um porrete de madeira manchado de sangue.

“A legislação brasileira não autoriza que o tutor ou qualquer terceiro dê fim à vida do animal por meios próprios, ainda que sob a alegação de sofrimento, sendo imprescindível a observância de critérios técnicos, éticos e legais, especialmente aqueles previstos nas normas que regem a atuação médico-veterinária, informa a advogada ambiental e de direitos dos animais, Angélica Soares”.

Contradição

Inicialmente, Udelsmann afirmou aos policiais que tentou eutanasiar o cachorro com uma injeção, para cessar o sofrimento do animal, que estaria debilitado por diabetes, mas que o cão convulsionou. Na sequência, afirmou ter dado dois tiros na nuca do rottweiler, com um revólver calibre 38. A arma está em nome do médico, mas com o registro vencido desde de 2012. Foi apreendida com dez munições íntegras e duas deflagradas. No carro dele, um Volkswagen Polo, a perícia encontrou o corpo do cachorro dentro de um saco de lixo preto. Foram encontrados também um pedaço de pau ensanguentado, três seringas (duas vazias e uma com substância amarronzada), um floconete de glicose e dois floconetes de cloreto de sódio. Entretanto, o médico mudou a versão ao prestar depoimento no 1º Distrito Policial. Alegou que o disparo contra o cão teria sido acidental, ao tentar repelir uma suposta invasão de um suposto assaltante no imóvel. Apesar disso, Udelsmann manteve a confissão do porte ilegal da arma. A mulher do indiciado, a enfermeira Elisabeth Dreyer, de 67 anos, declarou que o casal havia se mudado recentemente da casa onde estava o cachorro. Confirmou ter ouvido os disparos, mas negou a participação no crime. Afirmou ter ouvido os disparos enquanto esperava do lado de fora da casa.



Médico foi levado por policiais militares para o 1º Distrito Policial (DP) de Campinas



Cachorro foi encontrado pela PM dentro de saco de lixo

Mas, segundo o boletim de ocorrência registrado pela Polícia Militar, o casal foi à casa onde morava por ter recebido reclamações dos vizinhos de que o cachorro estava latindo. A PM foi acionada via Copom (Centro de Operações da Polícia Militar) após receber denúncia pelo telefone 190 devido a ruídos de disparos de arma de fogo. Chegando à casa, os agentes interceptaram o médico e a enfermeira deixando o imóvel. Segundo a perícia, foram encontrados vestígios de sangue em um quarto anexo à garagem e panos sujos no veículo, que haviam sido ‘limpos’ tanto por Udelsmann, quanto por Dreyer. O delegado plantonista que atendeu a ocor-

rência, Daniel Pirro Cersosimo, não arbitrou fiança, pois a soma das penas máximas (pelos crimes de maus-tratos a animais e porte ilegal de arma de fogo) ultrapassa quatro anos de detenção.

Já o corpo do rottweiler foi encaminhado para exame necropsópico por duas médicas-veterinárias nomeadas como peritas.

Justiça

A advogada ambiental e de direitos dos animais, Angélica Soares, lembra que “a atuação da Polícia Civil observou os requisitos legais para a lavratura do flagrante, cabendo agora ao Ministério Público e ao Poder Judiciário a análise do caso, sempre com respeito ao devido processo legal, ao con-

traditório e à ampla defesa”.

Ainda de acordo com Soares, “casos como este evidenciam a relevância da aplicação efetiva da legislação de proteção animal, que visa coibir práticas violentas e assegurar a tutela da vida e da dignidade dos animais, reconhecidos juridicamente como seres sencientes”. A coordenadora jurídica do Conselho Municipal Proteção Defesa Animal (CMPDA), Franciane Vilar Fruch, acompanha o caso e questiona o fato do cachorro não parecer doente, estando grande e gordo, indicativo contrário à situação de um animal que esteja em estado crítico por diabetes.

Quem é Artur Udelsmann

Médico formado pela Santa Casa de SP, com residência em anestesiologia. Mestre em farmacologia e doutor em anestesia e reanimação pela Université Louis Pasteur de Strasbourg (França). Pós-doutor pelo Montreal Children's Hospital da McGill University. Ex-professor da Unicamp. Médico na área de terapia da dor na Fundação Centro Médico de Campinas. É ainda advogado PUC-Campinas.

O outro lado

Até o fechamento desta reportagem, o Correio da Manhã não conseguiu contatar as partes envolvidas. Mas, segue à disposição, oferece espaço para o posicionamento dos investigados.

Bloco do Bob ganha as ruas no domingo de Carnaval

Por Raquel Valli

O Bloco do Bob 2026 sai às ruas no domingo, 8 de fevereiro, com concentração às 16h na Praça XV de Novembro no Largo Santa Cruz no Cambuí em Campinas (SP).

O propósito deste ano é unir a alegria do Carnaval a uma manifestação pedindo justiça para o cãozinho Orelha, torturado e morto em Florianópolis (SC), informa o idealizador do evento, César Rocha. A organização solicita que os participantes comparem com cartazes. Desde 2009, o Cãonaval desfila da praça até o Centro de Conveniência pela Avenida Júlio de Mesquita.

Origem

O bloco surgiu da trajetória de Bob, um cão comunitário, que vivia no Largo sob os cuidados de taxistas, mas que foi retirado do local pelo então CCZ (Centro de Controle de Zoonoses), motivando uma mobilização popular.

O cãozinho foi autorizado a voltar à praça após o cumprimento de exigências da Vigilância em Saúde, entre as quais, vacinação, castração e de um taxista que se responsabilizasse pelo animal.

Obteve o título de cão comunitário, e, quando retornou ao Largo, foi recepcionado com uma festa, organizada por Rocha, que, na sequência, fundou o bloco. A primeira edição reuniu cerca de 100 pessoas, mas as seguintes chegaram a reunir 1.500.

Bob morreu em agosto de 2013 em decorrência de um câncer no tórax - apesar do tratamento veterinário. Tornou-se símbolo da Lei Estadual 12.916/2008 de cães comunitários e permanece no calendário festivo de Campinas promovendo a causa animal.

Orelha

Foi um cachorro comunitário, de cerca de 10 anos de idade, que foi torturado no dia 4 de janeiro na Praia Brava, litoral de Santa Catarina, por quatro adolescentes. No dia 5, teve que ser eutanasiado por um veterinário devido à gravidade dos ferimentos.

De acordo com a polícia, pais de dois deles e um tio coagiram testemunhas e atrapalharam as investigações. Os três foram indiciados, e investigações seguem sendo realizadas.